entrevista

O discurso capitalista e seus efeitos sobre o sujeito e a direção do tratamento

Ângela Mucida entrevista Carmen Gallano

A idéia de uma entrevista com Carmen Gallano, psicanalista em Madri, surgiu no fim de fevereiro. Enviei-lhe algumas perguntas por *e-mail*, deixando em aberto a possibilidade de que outras se inscrevessem no *a posteriori* de suas respostas. Antes que ela pudesse se debruçar sobre as mesmas, adveio, em 11 de março, o atentado terrorista em Madri, provocando centenas de mortes e outros efeitos mortificadores sobre os sujeitos. Exposição de uma das faces do "sujeito da barbárie", como diria Carmen, reduzido ao "a-humano", atravessado por um Outro devastador. Mesmo assim, ela manteve seu desejo de atender ao convite que lhe fizera.

Ao receber suas respostas, percebi, pelo tratamento dado às perguntas – cuidadoso e tão bem formalizado –, que a entrevista poderia seguir seu percurso no *a posteriori* de sua publicação, pelos efeitos de sentido que, certamente provocará naqueles que a lerem.

1. Ângela Mucida: Tomando como princípio o percurso clínico de Freud, que não mediu esforços para tentar responder aos problemas colocados por sua época, e sabendo que isso convoca a todo tempo a prática analítica, gostaria de começar com uma questão um tanto quanto geral, mas que pode nos levar a outras: o que pode a psicanálise diante dos efeitos devastadores do discurso capitalista atual?

Carmen Gallano: A psicanálise nada pode diretamente diante dos efeitos de estrago ou de sintoma social do discurso capitalista. Tampouco podia na primeira metade do século XX, desde que foi inaugurada por Freud, diante dos efeitos do discurso do Mestre, antes que este se transformasse em discurso capitalista. Como, então, pensar a incidência da psicanálise no crescente mal-estar de que padecem os sujeitos hoje, arrasados, queiram ou não, pela irrefreável lógica capitalista?

Podemos nos orientar pela elaboração genial de Lacan, formalizada depois de 1968, ou seja, a estrutura dos quatro dis-

cursos (do Mestre, do universitário, da histérica e do analista) e os giros de regressão e progressão que provocam a passagem de cada um deles ao outro, pois esclarecem como o discurso do analista não pode mudar nada diretamente de outro discurso, e como somente a partir da impotência e da impossibilidade específicas de cada um deles pode se dar uma "revolução", que não passa de uma troca de modo da impotência. De fato, se Freud inventou o discurso do analista, foi graças ao giro, ao "quarto de volta" que imprimiu ao discurso da histérica. Sabe-se que o sujeito histérico expôs seu exercício do inconsciente e os enigmas de um corpo que ele leu como obra da linguagem, em seus efeitos de fragmentação do gozo sentido no corpo.

Em *Radiofonia,* Lacan conclui: "Não é senão encurralando o impossível, pressionando-o em seus redutos, que a impotência adquire o poder de fazer o paciente girar, passando a agente". Ao tratar da impotência do saber que a histérica produz para tocar algo de sua própria causa libidinal, Freud encurralou o impossível da relação do sujeito histérico com o Mestre, pressionando o sujeito histérico para vir no lugar do Outro, no trabalho de análise que libera os significantes traumáticos do inconsciente.

Na prática, sejam quais forem as formas clínicas de mal-estar com que os sujeitos de hoje chegam ao analista, cada vez mais afastados das neuroses clássicas descritas por Freud, sempre comprovamos que a condição prévia para que a psicanálise possa incidir em um sujeito é sua "histerização", isto é, a constituição de um sintoma que implique o sujeito em sua particularidade, e que se conecte com seu inconsciente pela via da palavra.

Assim, diante dos efeitos devastadores do capitalismo, a psicanálise poderá algo apenas com relação ao que torna impossível para cada sujeito – um a um, cada um distinto do outro – suportar a pressão do discurso capitalista, pressão tão sedutora quanto tirânica em sua vida.

2. Ângela Mucida: Quais as dificuldades relativas às questões de dinheiro, tempo e duração que você observa hoje em torno do tratamento analítico, pois sabemos que a ciência farmacológica promete melhoras em um tempo curto e tem-se a idéia de que o tratamento analítico se restringe a uma prática de longa duração,sendo, portanto, algo muito dispendioso em termos tanto financeiros quanto libidinais. Reportagens veiculadas pela mídia têm insistido sobre esse ponto, e sabemos que os significantes veiculados pelos discursos têm sua eficácia sobre os sujeitos.

CARMEN GALLANO: Sim, a eficácia dos significantes transmitidos pelos discursos no social é enorme, pois sua incidência sugestiva captura os sujeitos quando agita o chamariz do bem-estar que eles obteriam ao consumir determinados objetos produzidos pela ciência e pela tecnologia, e por todo tipo de empresas que competem no mercado das ideologias. Você sublinha o "*time is money*" e a publicidade dos laboratórios farmacêuticos multinacionais, que vendem a promessa de cura dos mal-estares mentais, corporais, afetivos, apenas pela ingestão de substâncias que atuam neuroquimicamente.

É verdade que, cada vez mais, sujeitos consomem medicamentos e pagam terapias que incidem diretamente sobre o corpo, desejosos de se libertarem de seu sofrimento do modo mais rápido possível. Mas o que poupam em tempo e dinheiro – e nem sempre é em dinheiro – não só indica a adesão ao discurso capitalista, em seu princípio de "máxima rentabilidade imediata", como também a conveniência de seu *eu* se poupar de qualquer questionamento subjetivo, seu temor de aproximar-se do opaco de seus impulsos íntimos.

A Ciência, ainda que não seja este o desejo do cientista, tem um modo muito especial de acolher o "não querer saber", que é estrutural nos humanos. Mas a dessubjetivação que conseguiu imprimir aos transtornos psíquicos, com a cumplicidade dos psiquiatras organicistas, rentável para as multinacionais farmacêuticas e referindo cada vez mais a complexidade da vida humana a uma causalidade biológica, volta contra os sujeitos uma faca de dois gumes.

A questão da verdade que os habita como sujeitos retornará, antes ou depois, em outros padecimentos. Mesmo grandes investigadores científicos terminam caindo de maneira estrepitosa na religião ou em delírios místicos, fazendo retornar, pela janela do fantasma, a dimensão da transcendência à qual a Ciência fecha a porta do Simbólico em sua ascendência sobre o sujeito. Assim, nos meios urbanos, onde o capitalismo fez estalar a trama dos vínculos sociais nos quais os sujeitos se alojavam em um Outro que guiava as linhas de seu destino, e por onde transitavam em seus vínculos com as identificações tomadas desse Outro transcendente, não é de se estranhar que os sujeitos se mostrem mais extraviados que antes, e sabendo menos da verdade do que lhes acontece.

Pareceria e, como você assinala, é o que a mídia propaga, que nada no discurso ambiente poderia levar os sujeitos a se aproximarem da experiência psicanalítica. Mas isso é teoria. De fato, na Conferência em Milão, em 12 de maio de 1972, ao

propor a escrita do discurso capitalista, Lacan disse que "é o que se fez de mais astucioso como discurso". Mas acrescenta: "loucamente astucioso, mas condenado a arrebentar. Porque é insustentável". Mas cuidado, porque Lacan não quer dizer que vai arrebentar por si só, e que em vão esperaremos sentados, pois: "Vai sobre rodas, não poderia ir melhor, mas justamente, vai depressa demais, se consome, se consome até se consumir".

Como não me vir à mente, nestes dias, o "Espanha vai bem", lema do Aznar, que se tornou o homúnculo de Bush e agente para o povo espanhol dos ditados capitalistas mais neoliberais, em uma política que deixou mares enegrecidos de destruição em todos os terrenos e, não só no ecológico. Pois bem, vemos agora pela TV, neste agente da multinacional do "eixo do Bem", o sorriso empedernido de êxito transformado em careta azeda por não suportar que o horror e a dor do massacre terrorista de Madrid tenham despertado os cidadãos, num lancinante *après-coup* sobre o que já sabiam e não tinham querido saber, e que o tenham com seus votos expulso do poder.

Mas voltemos ao assunto da psicanálise na conjuntura atual, a dificuldade – entendo que esse é o fundo latejante da sua pergunta – de que um indivíduo, alienado em seu ego pelo discurso capitalista, possa acreditar que compensa pagar o preço em tempo, em dinheiro, em gasto libidinal... só para saber a secreta verdade de seu ser em dívida com o Outro – familiar, social, casal – de seus males, só para apostar, a longo prazo, na libertação de seu desejo aprisionado, e para livrar-se de um modo de gozo do qual se sente um servo consumido, sendo ao mesmo tempo seu ativo consumidor.

Ao ler hoje mais atentamente essa Conferência de Lacan em Milão, ainda que já tivesse a intuição a partir da experiência clínica, entendi melhor que a chave não está no êxito ideológico e social que o psicanalista pode vir a ter. A este respeito, Lacan é absolutamente pessimista. Ele diz que aparecerá outra coisa, "que deve manter a posição do semblante, e que se chamará talvez o discurso PS... segundo o modo em que se enuncia que Freud via a importação do discurso analítico pela América... será PST, PESTE. Um discurso que viria a ser verdadeiramente pestilento, inteiramente dedicado, enfim, ao serviço do discurso capitalista".

O psicanalista hoje tem de renunciar a qualquer posição de semblante e a qualquer padrão para dar a oportunidade de uma análise aos sujeitos que se aproximam dele. Há cada vez mais sujeitos para os quais é impensável fazer mais de uma sessão semanal, outros que não podem pagar, o que agravaria suas já precárias condições materiais de vida. Até a IPA renun-

ciou ao padrão das três sessões mínimas semanais – classicamente, para as análises didáticas eram cinco sessões semanais obrigatórias... Custa-lhes mais renunciar aos 45 minutos de sessão, e como, no mundo de hoje, "*time is money*", não podem baratear o preço das sessões.

Os lacanianos, justamente com a prática das sessões de tempo variável e de sessões curtas, podem atender mais pacientes e a um preço menor por sessão. Não importa que sejamos nós a dizer que as sessões curtas não diminuem a autenticidade e a eficácia da análise, coisa que comprovamos em nossa prática. São os pacientes que fizeram análise com o padrão de 45 minutos que verificam e concluem que, falando menos tempo de relógio, experimentaram um dizer mais produtivo para sua análise.

Hoje mesmo, uma paciente que terminou um tempo de análise de menos de dois anos, com duas sessões semanais – suficiente para ela, pois mudou de posição e lhe bastou para sentir-se em paz e alegre em sua vida –, disse-me que, ao começar seu tratamento comigo, não entendia como eu não respondia a seu pedido de mais tempo de sessão, mas que agora tem de me agradecer e dizer que "essa terapia" – como ela não queria uma análise longa, não deitou no divã – lhe serviu muito, mais do que imaginava. Anos atrás, deitada num divã, passou três anos de "análise" com uma analista que praticava os 45 minutos de sessão, e que não lhe serviu mais (são suas palavras) que uma psicoterapia sugestiva, que a confortou no papel de mãe e de esposa, única empregada da empresa do marido, da qual vivem bem, ou mal, segundo as flutuações do mercado. Depois dessa "análise" ficou ainda mais apegada ao desejo do marido e às demandas dos filhos. É um exemplo, como muitos outros do cotidiano; outros são mais complexos.

Ainda que as mensagens da ideologia segredada pelo discurso capitalista sejam desanimadoras, nós analistas, sem ficarmos presos aos pedidos dos sujeitos por "terapias" curtas e rentáveis, e sem esforço para inventar modos em que o desejo do analista possa operar segundo a particularidade da conjuntura subjetiva de cada um, podemos desbaratar, sem querer convencer, a massa de preconceitos alienantes que vazaram do discurso social para os sujeitos.

Com base em nossa experiência clínica, não nos faltam respostas consistentes aos que nos interpelam sobre tais preconceitos, na mídia ou em foros públicos. Seus "ataques" à psicanálise me inquietam menos que os semblantes com que alguns psicanalistas se disfarçam para "vender" no mercado das terapias, a fim de competir com os que querem tirar pro-

veito deste novo negócio que floresce cada vez mais com o capitalismo, e que alguns pensadores chamam hoje "o mercado da experiência subjetiva". A psicanálise não é uma terapia como as demais. Sua radicalidade só pode se apresentar fazendo um furo nesse mercado, mas é um furo de ar, por onde alguns podem respirar como sujeitos, fora da asfixia a que estão condenados pela pressão capitalista.

3. Ângela Mucida: Tudo isso nos reenvia à questão do estatuto do sujeito. A psicanálise, principalmente com Lacan, radicalizou a noção do sujeito. O sujeito com o qual a psicanálise opera é um sujeito evanescente e que só surge no tempo lógico de sua aparição, nomeado por Lacan fenda pela qual a psicanálise opera. No discurso capitalista, tal como formalizado por Lacan, temos, no lugar de agente, o sujeito dividido, mas que só o é sob a forma de semblante, já que há uma incidência direta dos objetos sobre ele. Ou seja, só em aparência esse sujeito é autônomo e escolhe e goza livremente como o discurso capitalista quer fazer crer. Podemos pensar numa outra forma de evanescência do sujeito inaugurada pelo discurso capitalista? Gostaria que você comentasse um pouco essas duas concepções de sujeito e em que ponto elas se cruzam. Quais as incidências clínicas dessas duas concepções?

Carmen Gallano: Eu não diria que são duas concepções do sujeito. Prefiro partir do termo que você introduz, "estatuto do sujeito", que resulta do lugar que ocupa em um discurso (os lugares possíveis nos discursos que Lacan formalizou são quatro: agente, verdade, Outro, e produção) e das relações, as conexões ou desconexões em que está situado com relação aos outros termos do discurso (os termos também são quatro: significante Mestre, saber, sujeito e gozo-a-mais).

Orientando-me pela estrutura e pela lógica dos quatro discursos de Lacan, e deste discurso que é o discurso capitalista – do qual ele escreveu a fórmula e o anômalo, com relação aos outros discursos, dos vetores que orientam a topologia de seu incessante girar interno, sem solução de continuidade –, propus, quando vocês me deram a honra de apresentar uma palestra na Jornada da Associação Brasileira dos Fóruns do Campo Lacaniano, em novembro último, na Bahia, um modo de situar os diferentes estatutos do sujeito: no discurso da histérica, no discurso capitalista e no discurso do analista. Pois a pergunta que me animava era, como explicitei: pode a psicanálise subverter o sujeito do capitalismo?

Como já me estendi muito na resposta às duas primeiras perguntas, vou me remeter ao que desenvolvi naquela conferência[1], que talvez os leitores de *Stylus* possam ler. Propus que o estatuto do sujeito no discurso capitalista é o de "um sujeito sem outro". Desenvolvi brevemente como a clínica mostra o que Lacan escreve sobre a sua posição no discurso capitalista: ocupa o lugar do semblante, está preso à verdade invisível do significante Mestre, desligado do saber que trabalha no lugar do outro, e está movido diretamente, em curto-circuito, pelo objeto de consumo, que o mantém como sujeito só em sua falta-de-gozo.

Por isso, esse "sujeito sem outro" é só aparência, como você diz, um sujeito autônomo enquanto agente do discurso, mas, mais do que livre em seu gozo, capturado pela livre oferta de objetos no mercado, que o torna insaciável. Sua vinculação à verdade oculta do significante Mestre o reduz a indivíduo, que mais do que "*self made man*" se revela "*self made ego*". Nesse ego isolado do outro não há desvanecimento do sujeito, mas consistência do eu, pois acontece o inverso do discurso do Mestre, com o que Lacan escreve também o discurso do inconsciente. No discurso do Mestre, é o significante que, em sua intimação, oculta como verdade seu efeito: um sujeito desaparecido, desvanecido, debaixo de um significante.

A formulação de sua pergunta sobre se há dois modos de desvanecimento do sujeito, o do sujeito do inconsciente – em sua divisão, causado pela temporalidade lógica de sua causa, no intervalo entre um primeiro significante e um segundo significante, que lhe chega pela chamada ao Outro – e o do sujeito inaugurado pelo discurso capitalista, deu-me inspiração para propor algo que até agora não havia pensado: que o sujeito alojado no discurso capitalista se desvanece não como efeito de significante, mas à proporção que sucumbe ao gozo de um objeto que cai fora do campo do Outro.

É um fato na clínica atual, no que alguns chamamos "patologias do ato" – do *acting out* e da passagem ao ato –, que o sujeito desaparece em um gozo, fazendo-se objeto, mero dejeto de gozo, quando esse gozo não se prende à verdade inconsciente do sujeito em um sintoma pois só o sintoma liga a verdade de um sujeito e uma fixação de gozo, só o sintoma faz o real de um sujeito. Esse estranho modo de gozo do sintoma, estranho duplamente, pois perturba a representação do sujeito e a satisfação a que aspira em seu desejo, é ao mesmo tempo o que mantém um sujeito como tal, como sujeito do inconsciente que o fez humano, ser falante.

[1] Gallano, Carmen. *Um sujeito outro: Há uma subversão psicanalítica do sujeito sem o outro do capitalismo?* Trabalho apresentados no IV Fórum Nacional da AFCL. O sujeito em questão na psicanalise; 2003, novembro; Salvador, Brasil. (Essa conferência será publicada em livro pela Associação Científica Campo Psicanalítico de Salvador, no prelo.)

Eu diria que o sujeito do discurso capitalista se desvanece como "a-humano": é o a-sujeito da barbárie, no desconhecimento que desencadeia a pulsão na cena do mundo em sua vertente letal, ao não se prender no desejo, ao não passar pelo desejo do Outro. Torna-se objeto de uma realização selvagem de fantasia como gozo do Outro, perdendo o real do seu ser de sujeito ao não se dividir por um sintoma, ao recusar sentir, nem mesmo intimamente, qualquer conflito subjetivo.

Há pouco, recebi uma jovem que só veio por indicação de sua mãe – para ela sim, esta filha é um conflito – e que me fala jactando-se do que para os outros é sentido como a barbárie de seus excessos, aos quais se lançou desde os 13 anos, tornando-o o relacionamento com ela insuportável. Ainda que todos os seus parceiros masculinos, até os mais marginais, afastem-se dela, e que as amigas a ignorem, ela afirma, desafiante: "Eu não vou mudar para os outros, se os perder, para mim tanto faz". Acredita que pode continuar usando drogas como lhe apetece, e embora seus amantes – e mais de um é traficante – a tenham maltratado fisicamente, tratando-a como um farrapo, e por mais que eu lhe tenha mostrado as coordenadas significantes e a constância de sua repetição, ela não se deixa afetar, pois sua exaltação de seguir na carreira irrefreável – "louca, para os demais" – é animada pela idéia de que "encontrarei quem me aceite como sou".

Por sorte, esta jovem é histérica e fala sem parar de seu pai, um industrial rico (por herança de um pai, empresário capitalista bem-sucedido) que queria que ela se ocupasse de seus negócios, pelos quais já não está disposto a se responsabilizar, pois escapa de tal carga com cocaína, álcool e uma série de amantes de ocasião, que estão com ele para tirar-lhe dinheiro, o que a mãe tolera por não poder abandonar esse "pobre homem" que "não é nada sem o apoio de minha mãe". É também o caso da filha, mas para ela isso também não é um problema.

Trago este caso clínico, porque, com esta jovem, mais que em outros casos, pude observar de perto como o discurso da histérica (embora o sujeito não o tenha subjetivado) mostra que nenhum sujeito humano, que é o que habita em um corpo vivente, libidinal, pode se realizar como o "a-humano" do discurso capitalista, enfiado na couraça de um ego fabricado em conformidade com os significantes do sistema. Pois o que não deixou que ela perdesse completamente a direção, que lhe permite manter um fio condutor como sujeito de sua vida, é o seu "não" radical à vontade do pai, que pretende ditar seu destino de ser quem trabalha para manter sua empresa. A par-

tir desse "não", o que importa para ela é "mudar algo para si mesma e não para o outro", enunciado proposto por mim, aceito por ela e que a animou a continuar as sessões comigo. Aqui ela pôde reconhecer o que a preocupa em sua dificuldade para se concentrar nos estudos numa escola de desenho. Algo pode se tornar sintoma, uma falta nela, e essa é a fissura pela qual esse sujeito deposita alguma expectativa de saber sobre o que falha nela.

É a histerização, por menor que seja, desse sujeito histérico que apresentava uma clínica selvagem do *acting-out*, o que a faz emergir como "um sujeito com Outro", o que foi desde menina, embora no auto-engano da "autonomia" de seu ego e em sua ilusão de controlar seus modos de gozo – "ser a agente" que dispõe de múltiplos objetos pareceria um sujeito só animado pelo insaciável de sua falta –, em gozar na dispersão de "passo bem indo com todos, caindo bem a qualquer um, e se não lhe caio bem, vou com outros, pois não me prendo a ninguém". Isso não dá a medida de como ela está presa não só às drogas, mas aos objetos de consumo, pois com o dinheiro dos pais, tal como seu pai adquire bens e prostitutas, pode adquirir qualquer objeto do mercado.

A aposta do desejo do analista, nesse caso, como em outros – e é mais radical com os sujeitos nos quais o capitalismo faz estragos –, é fazer-se ativo como agente, tomar o lugar do semblante, do objeto que talvez subverta o sujeito, encarnar o enigma de seu desejo como desejo do Outro. Dito assim, é muito abstrato. O analista pode intervir mais concretamente com seu dizer, embora sem expor a rede titubeante das palavras em que o sujeito experimenta algo de sua divisão, alguma vacilação sensível a algum efeito de verdade no qual, entre seus ditos, vá emergir em seu desvanecimento como sujeito. Pois o dizer do analista, que é contingente e não é garantido em absoluto, talvez possa fazer surgir esse desvanecimento do sujeito na surpresa de um corte que, por ser inesperado, levanta ondas ao mesmo tempo na mente e no corpo do sujeito.

Então, à luz de minha experiência, nem sempre feliz, seja pela recalcitrância no fechamento de alguns sujeitos, seja por minhas inabilidades – das quais inteirar-me *aprés-coup* não resolve nada para abrir a porta à análise desse sujeito, mas só para aprender algo, pois como bem disse Freud, "o leão salta apenas uma vez" –, mantenho que a psicanálise pode subverter um sujeito – por mais que este se encontre dissociado como sujeito no discurso capitalista –, se o faz advir como "um sujeito Outro", outro do que é no que o captura em sua representação, nas

performances de seu ego, outro do que desaparece como objeto nos gozos que o separam do Outro e de seu desejo inconsciente.

"Um sujeito Outro", desconhecido para si mesmo e para os outros, é um sujeito que consente – queira ou não na vontade de seu ego – em trabalhar para decifrar sua verdade nas determinações de sua história. Lacan disse acertadamente: histerizar-se é historizar-se. O "sujeito sem outro" do capitalismo é tanto mais "a-humano" quanto mais se faz "a-histórico". Advirto sobre a peste – aqui encontro uma concretização do que já citei do enunciado por Lacan em sua Conferência em Milão de 1972 – que substituiu a psicanálise a partir das ideologias "*made in USA*", uma invasão que já domina a velha Europa. Velha porque a história que os determina, desde seus ancestrais, é cada vez mais ignorada pelos cidadãos europeus, sobretudo os jovens. Afirmo que, valham o que valerem minhas fórmulas sobre estes três estatutos do sujeito – sujeito sem outro (no discurso capitalista), sujeito com Outro (no discurso histérico), sujeito Outro (no discurso analítico) –, é tangível para qualquer analista que um sujeito que não interroga nada de sua história não pode analisar-se.

4. Ângela Mucida: Lacan foi incisivo ao afirmar que a psicanálise é o único discurso que se propõe a tratar o real. A ciência não trata o real, escamoteia-o. A eficácia da psicanálise – um discurso avesso ao discurso do mestre, seja ele o antigo ou o atual – estaria na estrutura do ato, já que o ato analítico, contrapondo-se ao ato médico, constitui-se, exatamente, num momento sem fiador, sem garantia e sempre avesso à prescrição, como o é o ato médico? Seria essa a via principal por onde a psicanálise pode continuar a provocar seus efeitos?

Carmen Gallano: A afirmação que introduz sua pergunta apresenta problemas, pois não podemos falar do real de maneira geral. O real de que a ciência e suas aplicações tecnológicas tratam, ao adquirir um saber sobre a biologia do organismo vivo no humano e incidir no real com os objetos que a tecnologia produz – avanços que modificaram e continuarão modificando a vida dos humanos –, não é o real de que trata a psicanálise. A Ciência trata do real, mas é um real alheio ao sujeito, que por isso o exclui. A psicanálise só trata desse fragmento de real que dá sua condição ao sujeito incluído no Simbólico, na estrutura de linguagem na qual nasce como sujeito.

Para dizê-lo rapidamente, a psicanálise só trata, no sujeito, do real do que Freud chamou de "libido", e que Lacan

definiu, em seu escrito *Posição do inconsciente*, como "o organismo que vai além dos limites do corpo". Não se confunde nem com o organismo, que é o real da biologia, nem com o corpo, forjado em sua forma pelo Simbólico e pelo Imaginário.

Leiam esse escrito para entender isso, que não posso desenvolver aqui, e leiam o que Lacan diz sobre o corpo em *Radiofonia*. Antonio Quinet falou disso nas Jornadas da Bahia, em sua palestra "Histerossomática", e Jairo Gerbase abordou esse real em seu rastro na lógica significante da metáfora. Muitas palestras excelentes, teóricas e clínicas, extraíram as consequências desse real que incide em cada sujeito.

Além disso, os quatro discursos de Lacan são quatro modos de tratar o real, e não só o discurso do analista. O real de cada discurso está em sua impossibilidade, e em cada um dos quatro discursos a conseqüência é a impotência, como barreira irredutível entre o produto de um discurso e sua verdade. Para reorientar sua pergunta, citarei o que Lacan diz nas duas últimas linhas de *Radiofonia:* "A linguagem só se aproxima do real na medida do discurso que reduz o dito a fazer um furo em seu cálculo. No momento atual, não há muitos desses discursos".

O que podemos questionar é se o discurso capitalista trata do real, pois gira em círculo, sem impossibilidade, e portanto sem impotência. Nada se inscreve de impossível para o sujeito, nada coloca a barreira da impotência entre sua produção e sua verdade. Por isso, como você bem diz, o ato analítico, pura contingência, não tem fiado; e se pode ter efeitos, são incalculáveis e alheios a qualquer prescrição médica ou outras que se oferecem aos sujeitos.

Não tenho uma elaboração pronta para a questão do que ocorre com o real, e com que real, no discurso capitalista. Por isso a deixo, em aberto. Mas os fatos que tocamos na clínica psicanalítica e no "que não acontece no social", nos impasses sofridos, nos sintomas e estragos particulares e coletivos dos quais padece o sujeito contemporâneo, dão testemunho de que o discurso capitalista, por mais "loucamente astucioso" que seja, não consegue eliminar o real da condição humana, seja qual for a carreira em que prende os sujeitos, em sua assubjetivação e nas derivas de seu gozo, que pretende reduzi-lo ao "furo calculado" da falta-em-gozar e dos objetos que a amplificam.

5. Ângela Mucida: Para encerrar, e tentando continuar na via aberta até então, gostaria que você comentasse um pouco sobre os efeitos de solidão que o ato impõe, já que ele separa o sujeito dos objetos que o fazem gozar. Quais as diferenças en-

tre a solidão inscrita no percurso de uma análise e a solidão advinda pelos efeitos do discurso capitalista? A solidão, inerente à análise, encontra em alguns momentos o contraponto da cultura atual, que deixa o sujeito numa "má solidão" e até no isolamento. Como você observa isso em sua clínica?

CARMEN GALLANO: Primeiro, parece-me necessário mostrar que é impossível que um sujeito humano, um ser falante, adapte-se sem resto real que escape a esse discurso, como mal-estar irredutível, inabordável no discurso capitalista. Pois enquanto existirem seres falantes em nosso planeta, eles serão – exceto em distorcidas formas fantasmáticas que os sujeitam como sujeito – inassimiláveis ao discurso capitalista. E a respeito de como este discurso "está condenado a arrebentar", retomo o que já citei de Lacan: não o entendo como destinado a desaparecer – não nos deixemos iludir –, e sim a se demonstrar, quando não o furamos, a partir das forças políticas que atuam no social e a partir da dissidência da política dos desejos dos sujeitos, desejos inéditos nas vias que marcam o sistema, e que nunca poderão se encaixar sem resto real, que é o que faz os avatares na vida de cada humano.

Os economistas mais lúcidos passam anos advertindo sobre a inviabilidade do discurso capitalista para assegurar a sobrevivência das populações humanas em nosso planeta. Enquanto uma minoria enriquece em alguns países, as massas da população aumentam em outros, ameaçadas de não poderem se manter, a não ser num desafio desumano para sobreviver. Morrem de fome, de epidemias, das violências homicidas que resultam das barbáries provocadas por muitos governos. E a maioria daqueles que, com trabalho ou desempregados, são os povoadores da suposta "sociedade do bem-estar", vivem cada vez pior. Há pouco, Susan George, uma das mais conhecidas estudiosas da globalização, voltou a fornecer dados muito precisos sobre a insustentabilidade da globalização capitalista, em sua atual forma neoliberal, para a ecologia de nosso planeta.

Mas ainda que arrebente por toda parte, o discurso capitalista não será freado. O terrorismo, ameaça que se faz real para todos, sem que nenhum governo consiga vencê-lo, por mais dispositivos de segurança que empregue, não é obra de nenhum "eixo do mal" contra um "eixo do bem". É o mal que esse real inflige na vida privada, marcada pelos maus-tratos de uns sujeitos a outros, e na vida pública, marcada pelos diversos modos de maus tratos na vida social, esse real que é produto do capitalismo e que não pode ser englobado pelos objetos que oferece no mercado, pelo saber da ciência que a tecnologia

é ávida em aplicar, nem pelas vontades dos indivíduos, aprisionados por falta de recursos.

Digamos que o discurso capitalista torna cada vez mais errático o real, justamente por eliminá-lo como impossível de seu discurso, e torna cada vez mais insubjetivável a impotência de preencher o indivíduo solitário com os gozos dos consumos em uso. São gozos que o consomem na tensão, no esforço, ou na excitação que dele transborda. Quanto menos carente desses gozos, mais ele sentirá falta de um companheiro, de uma companheira feita de massa humana como ele, e mais lamentará ter perdido a verdade do amor em seu espírito, e o segredo do desejo sexual que o atraia para o hetero de outro corpo humano, homem ou mulher.

O discurso capitalista aumenta a solidão dos sujeitos, no social e em sua vida erótica, pois os separa dos seus objetos de desejo. Quanto mais os prende aos objetos de um gozo que os aliena em seus consumos compulsivos de objetos que não se alojam como objetos, olhar ou voz, no vivo que habita outro humano, mais eles se sentem fechados em uma solidão, em isolamento, como você diz. O que vejo e ouço em minha experiência clínica não é simplesmente o lamento da solidão de quem anseia pelo que não recebe do outro, em sua demanda de amor e em seu desejo, nem para dar-lhe um ser, nem para dar-lhe a satisfação de um gozo sexual no sexuado da inscrição libidinal de seu desejo. Esse é o lamento que nasce no encontro, sempre traumático, com a castração como falta do Outro, o doloroso do impossível da satisfação com o Outro de seu desejo.

A dor, a angústia e a tristeza acompanham o sujeito de todos os tempos em seu anseio pelo Outro, como afetos que o confrontam com o real, com o impossível da proporção sexual que nos faz sexuados, seja no todo fálico masculino, seja no não-todo fálico feminino. Isto está além e aquém da organização edípica que determina o sujeito do desejo em um inconsciente. Nem pai nem mãe resolvem o assunto do gozo do filho em seu ser sexuado. E o falo, por posse ou privação no simbólico, que é o que orienta um sujeito em sua vida erótica, se projeta o brilho do objeto de seu desejo em outro, deixa-o em falta do gozo sexual. Se é homem, só o alcançará atuando o "perverso" de seu fantasma, e se é mulher, na "loucura" de um gozo, em sua entrega a um amor absoluto que transcende o fálico de um homem.

Lacan formulou em *A terceira*, em Roma, em 1974 – digo sem rigor, de memória, sem consultar o texto –, que a psicanálise, pela via do equívoco do significante, pode fazer "arreben-

tar" o sintoma de um sujeito no real. É o contrário do que faz a religião, enchendo-o de sentido.

Ocorre-me terminar dizendo que, diante do que está condenado a arrebentar do discurso capitalista, que deixa o sujeito sem saída, a aposta da psicanálise é que ele possa sair do discurso capitalista ao encontrar seu modo particular de arrebentar o sintoma, e que a partir desse real *a-social*, o sujeito só, sem garantia, sem Outro, se faça Outro com seu desejo, outro diferente do que era antes, sendo sempre o mesmo, para seu mal, na repetição. Talvez isso, que não é garantido senão por seus atos, e não sem escolha, abrirá para ele um novo modo de ser com os outros, para uma solidão de seu ser, mas na companhia de outro.

Belo Horizonte/Madri, março de 2004.
Tradução: Angela Lobo

resumo

A entrevista detém-se na análise dos efeitos do discurso capitalista sobre o sujeito e a direção do tratamento. Enfocando questões relativas ao estatuto do sujeito para a psicanálise, ela contempla ainda a questão dos discursos e a eficácia da psicanálise no mal-estar da cultura atual.

abstract

The interview resides on the analyses of the capitalist speech effects over the subject and the direction of the analytical treatment. It focuses on issues related to the subject's statute for the psychoanalysis. It also contemplates the matter the speeches and the efficacy of the psychoanalyses in the nowadays civilization's discomfort.

palavras-chave

Discurso, sujeito, capitalismo, ato analítico, direção do tratamento

key words

Speech, subject, capitalism, analytical act, treatment's direction.